

FENOMENOLOGIA DO INEBRIAMENTO*

Phenomenology of inebriation

*Raul Guimarães Lopes***

* Transcrição de palestra.

** Médico Psiquiatra. Doutor em Medicina pela Universidade de Heidelberg. Introdutor e divulgador dos Grupos Balint na Zona Norte depois de formação na Alemanha. Psicoterapeuta Existencial e Professor.

Que significa “inebriar-se”, para cada um de nós?

Todos já passamos, pelo inebriamento. É próprio dos seres humanos. Quem não se sentiu alguma vez enlevado por um poente junto da pessoa amada? Entende-se perfeitamente esse *pathos* quando se alcança algo de imperecível. Um outro exemplo, o inebriamento musical. Quando ouvimos o *Hino à Alegria* de Beethoven parece que nos evadimos de nós próprios e alcançamos outras esferas do sentir. Inebriamo-nos! Como empatizar com uma obra de Arte. Mas tal forma de existir dura um *instante*, dura enquanto há suspensão do tempo cronológico. O *instante*, na sua acepção existencial, pode, em posterior projecção física, tanto durar fracções de segundo como horas.

Nada tem a ver com o *momento* – acto parcelar de um movimento com finalidade, já que o ser humano para viver está dependente dos objectos que procura para colmatar necessidades.

A função do instante dá-se na intercepção noética (do espírito) sobre o decurso temporo-material da vida. O instante é um átomo da eternidade. O tempo fica *in suspensa*.

A necessidade biológica reflecte uma falta, uma carência. Os valores sociais hierarquizam os comportamentos. As valorações existenciais orientam-nos para objectivos de acordo com projectos. O *projecto* subordina o necessário.

Os meios usuais para saciar a necessidade podem-se desviar para outros subvertendo valores sociais e o projecto pessoal de felicidade. Poder-se-á tentar aparentar a mesma pessoa mas as atitudes e os actos pragmáticos modificam-se inexoravelmente. O desvio ou, em linguagem antropológica, a *viciação* dos meios, pode converter-se em “tóxico” que embriaga a consciência de si, prejudicando pela continuidade o *insight* autocrítico. Esse “tóxico” pode ser químico – como no caso do alcoolismo, da dependência de medicamentos

e de outras substâncias, ou não-químico – como no caso da dependência do jogo, do sexo, do trabalho, da comida, de objectos, desenvolvendo toda a complexa profusão de “manias”.

O inebriamento está etimológica e conceptualmente relacionado com a embriaguês. Por vezes são confundidos. O que a análise fenomenológica esclarece é, no primeiro momento de se embriagar, o ser humano entrever o inebriamento mas deixá-lo fugir. Depois tende a repetir-se na vã procura de o alcançar, mas dele cada vez mais se afasta. A consciência inebriada de si não passou do momento de vislumbre para logo ser englobada no estado hiponóico da intoxicação.

O ser humano está sujeito à determinação do tempo biológico, psicológico e social para satisfazer as respectivas necessidades. O trágico é não querer ou saber esperar. O momento de embriaguês é exactamente a regressão do tempo mediado entre a necessidade e a saciedade de dizer *não*. Fundem-se no tempo, o *agora* da necessidade e o *já-não* da saciedade.

Quando viciamos os meios de procura do inebriamento entramos numa espiral cada vez mais curta entre a necessidade e a satisfação.

Um jovem após ter feito as suas primeiras experiências de satisfação viciada sintetizou esta questão com a expressão “*sai de mim*”.

Este *sair de si* pode ser considerado como modo de existir. Este sair de si viciado significa usá-lo quando se quer e não proporcionar um estado de espírito para acontecer. Este sair de si viciado carrega o passado como um peso de possibilidades não cumpridas. Outras vezes, faz movimentar o tempo de culpa e de desesperança para o aturdimento, para escapar à rotina do quotidiano tenso. Para escapar à consciência hígida de si na planura ilimitada do aborrecimento de viver. Então provoca-se fraudulentamente a “saída de si”.

Sair de si mas ficar no mesmo "locus", já vivido sem emoções, é tragédia humana. Sair de si pelo "salto" para outra posição existencial é êxito humano sobre a natureza condicional e condicionada do *bios*.

O jogador enquanto espera o resultado da sua jogada sai de si. Não pelos resultados pois estes só lhe interessam como valor relativo da possibilidade de continuar a jogar. O que lhe interessa é o estado de jogo com que compromete a sua vida. Isso que não é o sim nem o não com que a realidade sempre nos confronta ao solicitar mudança, progressão. O alcoólico ou o toxicodependente provocam este estado nem de sim nem de não de modo artificioso sempre que querem.

Do ponto de vista antropológico esse *sair de si* também pode ser entendido como "inebriar-se". O inebriamento é o estado dessa saída, desse outro modo de existir diferente do anterior. Mas para considerarmos a essência do inebriamento teremos de introduzir o conceito de *temporalidade*.

Só conseguimos entender o que é inebriamento através da temporalidade e não do tempo.

O tempo e espaço da realidade modificam-se continuamente. Mas não se veja essa modificação logo de modo crítico ou doentio. Isso acontece quando deixa de ser suportada ao procurar-se, a todo o custo, a *ataraxia*, a tranquilidade, a despreocupação. A doença, como "dolência", é consequência da dor de dada realidade e na realidade.

O ser humano procura um outro "*tempo de estar*", uma outra realidade em que se realize sem obstáculos. Quando o espírito atravessa o tempo, suspendendo-o, acontece então uma outra qualidade, a *temporalidade* – que não tem a ver com a sucessão infinita de momentos fundados na divisão temporal do movimento. A temporalidade nasce com o *in-stante*, com o que está dentro (*in*) de si.

A temporalidade traz consigo a história pessoal pois é criativa. Não é tempo físico nem tempo cronológico externos à pessoa.

A medida do tempo físico é baseada em impulsos atômicos e leva-nos ao tempo cronológico. (Se bem que a original ideia de *Chronos* seja, não o tempo físico, mas o tempo ôntico). Além destes há muitos outros tempos. Por exemplo, o tempo biológico (o tempo da cicatrização das feridas ou o tempo que leva uma equimose a desaparecer), o *tempo pático ao sentir*, levando ao tempo vivenciado ao valorizar.

O tempo passa lenta ou rapidamente conforme o sentimento da situação. As obras humanas, estéticas, éticas ou religiosas, acontecem na temporalidade em que actuo e em que me realizo como ser espiritual. Inebriar-se não é exactamente esta realização. Acontece antes da obra, do resultado. O inebriamento pelo resultado pode levar a neoformações narcísicas na psique humana. O ser humano tem a capacidade de poder estar fora de si sem deixar de estar consigo. É este o sentido mais profundo da existência humana, este muito delicado modo de existir. *Ex-sistere* (existir) é precisamente estar fora de si. Mas atendendo a si e ao outro, coexistindo.

Mas se esse modo de estar é artificialmente provocado há degradação. O biológico subverte o espiritual, não actua em consonância temporal com ele. A sincronia da existência humana dá lugar a desumana diacronia. O corpo pede, exige o que a psique (dele constituinte) não pode nesse momento doar. A ansiedade, como aviso do cuidado de si, surge. E perante artificios biológicos, psicológicos ou sociais o espírito cede mas não cria algo de novo. Funcionam os automatismos de repetir o feito com a pretensão dum novo vivenciar.

Como sucedeu com a poesia de Beaudelaire sob o efeito do absinto.

Sai-se do inebriamento, artificialmente provocado (levando à dependência), com o vazio e não com o entusiasmo. Com a rotina e não com a criatividade. Com o transiente e não com o perene.

A procura biopsicológica, nascendo da necessidade, é interativa. Quer seja de bem-estar (no caso da heroínomania) quer de tensão (como ludomania ou na oníomania). Torna-se evidente o carácter dum donjuanismo de conquista com sabor a desespero. Desespero de não vir a ser o que se pode ser. Desespero de não se poder entusiasmar com a liberdade de se expandir noutros horizontes.

O entusiasmo depois de terminado deixa algo transformado, deixa marcas podendo servir a outros de modelo. O prazer biopsicológico termina no tempo do ciclo individual de necessidade/saciedade.

O inebriamento, na sua forma superior, é revelação da Verdade.

O inebriar-se, como *salto do sair de si* para uma outra forma de existir, revaloriza quem o dá. O falseado inebriamento é desvalorização.

Não é possível mantermo-nos sempre inebriados por ser um dom do espírito. Não nos é possível tornar rotineiro o *inefável*, o instante do inebriamento. Mas, a *Ideia* é tocada quando do inebriamento. E dela nasce a obra.